

24h\*

POVO DO CANDOMBLÉ SE REÚNE, COMO HÁ 12 ANOS,  
E CUMPRE RITUAL CONTRA A INTOLERÂNCIA

FOTOS DE ARISSON MARINHO



O lenço branco, em referência à paz, é amarrado nos troncos das árvores, que representam um orixá

## Alvorada pela paz

●● Quando as pessoas virem os lenços nas árvores, percebam que, apesar de negros, também somos parte de tudo  
**Marcos Rezende**

Coordenador do Coletivo de Entidades Negras

O direito de crer e se manifestar religiosamente sem ser agredido ou morto é humano. Em garantia disso, nasceu, há 12 anos, a caminhada dos Ojás. O ato, organizado por adeptos do candomblé, consiste em amarrar lenços brancos em árvores da cidade como forma de despertar as pessoas para o respeito e repúdio aos atos de violência religiosa.

Vestindo branco, pais, mães e filhos de santo, simpatizantes do candomblé, além de representantes de outras religiões, se reuniram, na noite de ontem, no Terreiro do Gantois, na Federação, para clamar por paz, tolerância e garantia da liberdade religiosa.

De lá, após ato ecumênico, seguiram em caminhada até o Pelourinho, passando pelo Dique do Tororó, Campo Grande e Corredor da Vitória. Juntos, amarraram os lenços brancos às árvores no caminho.

O lenço preso nos troncos, em referência à paz, é simbólico porque o Iroko (árvore) representa um orixá, ou seja, uma representação sagrada, como explica o coordenador-geral do Coletivo de Entidades Negras (CEN),

Marcos Rezende. Entre 2013 e 2018, a Bahia registrou 135 ocorrências de intolerância religiosa. Segundo dados da Secretaria Estadual de Promoção da Igualdade Racial (Sepromi), houve um aumento de 450% nos casos de violência relacionada à religião. Em 2018, nos oito primeiros meses, foram 29 ocorrências no estado. Em todo 2017, foram 21.

Ogã, o mestre de capoeira Romualdo Rosário da Costa, 64 anos, o Moa do Katendê - morto durante discussão política no primeiro turno das eleições -, foi o homenagea-

do. "Escolhemos Moa por tudo. Pela história, a resistência que simbolizou até o dia de sua morte que, sim, foi um ato de intolerância. Política e racial. Nossa ideia é que amanhã, quando as pessoas se depararem com os lenços nas árvores da cidade, percebam que nós, apesar de negros, também somos parte de tudo. Estamos aqui e continuaremos a resistir", destacou Marcos.

Viúva de Katendê, a aposentada Eliene Reis, 64, também é parte do povo de santo. Embora não seja "feita", teve o marido como re-

ferência dentro da religião pelos mais de 20 anos em que foram casados. Pela primeira vez na Alvorada dos Ojás, Eliane comentou que o marido morreu como um símbolo de intolerância, mas, também, de resistência. Também vestindo branco, o padre Lázaro Muniz parecia à vontade em meio aos espíritos, pais, filhos e mães de santo. Pároco da Catedral e Igreja do Rosário dos Pretos, no Pelourinho, o religioso afirmou que a cerimônia é uma "luta de todos".

TAILANE MUNIZ

●● Eu vim porque o Candomblé fez parte das nossas vidas desde sempre. É complicado não relacionar a morte dele com a intolerância  
**Eliene Reis**

Viúva de Moa do Katendê



Ritual público de sacralização dos tecidos que foram colocados nas árvores da Federação ao Corredor da Vitória, passando pelo Dique do Tororó